

**A SAIA PARA TODOS?**

**O VESTUÁRIO COMO UM SÍMBOLO DE DISTINÇÃO ENTRE GÊNEROS**

Bruno César Pereira<sup>1</sup>

Jaqueline Kotlinski<sup>2</sup>

Alexandra Lourenço<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo se propõe compreender o vestuário como um símbolo de distinção entre os gêneros masculino e feminino. Em especial, partimos da portaria 2449 de julho de 2016 publicada pelo Colégio D. Pedro II, localizado na cidade do Rio de Janeiro, que colocou fim o uso da saia como roupa exclusiva de alunas. Partiremos assim do pressuposto, de que a determinação que coloca a saia como uma roupa feminina é um reflexo dos símbolos, normas e discursos construídos e difundido pela sociedade que se refletiu em meio a esta Instituição de Ensino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vestuário; Símbolo; Colégio D. Pedro II

## **INTRODUÇÃO**

Nas universidades, as discussões de gênero vêm ampliando seu campo de investigação, por diferentes vieses e teorias, tanto por meio dos programas de pós-graduação, como por disciplinas ao longo de licenciaturas e bacharelados nos cursos das humanas<sup>4</sup>. Pouco menos de meio século se passou desde a introdução destes estudos e inúmeros textos, sejam eles: livros, dissertações, teses e artigos; foram e estão sendo publicados e defendidos no meio acadêmico<sup>5</sup>, contribuindo de forma significativa para os debates e desconstruções de discursos até então naturalizados.

---

1 Graduando em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO), Campus Irati. E-mail: bruno\_o8cesar@outlook.com.

2 Graduanda em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO), Campus Irati. jaquekotlinski@gmail.com.

3 Doutora em Ciência Política pela Universidade Nova de Lisboa (UNL). Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste Paraná (UNICENTRO). E-mail: alels1@hotmail.com.

4 A Universidade do Centro-Oeste do Paraná, em especial o Campus universitário de Irati desenvolveu as discussões sobre tal conceito a partir da abertura do programa de pós-graduação no curso de História e consequentemente tais discussões foram introduzidas ao longo da graduação e no programa de pós-graduação interdisciplinar; até então tais discussões no ambiente acadêmico desta intuição estavam ligados apenas ao curso de Psicologia, que voltavam seus holofotes para os estudos de Sexualidade. Comparada com outros programas de pós-graduação, de universidades como a UFPR, que se abriram para tais estudos em meados da década de 1990, os estudos na UNICENTRO, são extremamente recentes.

5 Segundo IlzeZirbel, a Universidade de São Paulo – USP, por meio do curso de Ciências Sociais, pode ser considerada como uma das pioneiras no que se diz respeito aos estudos das relações entre homens e mulheres. Segundo a autora a partir do final da década de 1880, esta mesma universidade passou a realizar uma série de seminários que buscavam refletir questões sobre as “Relações de Sexo e Relações de Gênero”. Ver melhor em: ZIRBEL, 2007, p. 130-153.

Tais estudos colocam um novo olhar sobre as relações sociais em nosso cotidiano, relações estas que a olhares desatentos tomamos muitas vezes como naturais. Todavia ao nos propormos observar as minúcias de tais relações, sejam os comportamentos, símbolos e as normas sociais, evidenciamos sua complexidade. Para além destas análises sociológicas e antropológicas da sociedade atual, podemos observar que as significações sociais variam com o tempo. Sendo assim, para nós historiadores, tão preocupados com a temporalidade, podemos observar que os discursos, em especial aqui se tratando das discussões sobre gênero, além de socioculturais, são históricos, abrindo um infinito leque de estudos históricos acerca de tais relações.

O presente texto, propõe-se analisar, seguindo a perspectiva dos estudos de gênero, uma recente notícia, publicada ao longo de diversos periódicos<sup>6</sup>, como jornais *online* e impressos, assim como por *blogs*, a respeito da liberação de uma vestimenta para ambos os gêneros, masculino e feminino, no Colégio D. Pedro II, localizado na cidade de Rio de Janeiro. Este Colégio é um dos mais antigos do país, fundado na primeira metade do século XIX, esta instituição possuía até então um regulamento, o qual determinava entre suas normas o uso exclusivo da saia ao gênero feminino. A partir de uma série de manifestações ao longo do ano de 2016, a Reitoria de tal instituição modificou as normas vigentes, retirando o uso da vestimenta apenas a um gênero (feminino).

As manifestações ocorridas ao longo do ano de 2016, se iniciaram após a proibição de um aluno desta instituição frequentar as aulas usando a saia como parte de seu uniforme. Em oposição a esta determinação do Colégio, a grande maioria dos alunos passou a frequentar a instituição utilizando a saia como parte de seus uniformes. Após a grande repercussão de tal movimento, seja através dos pais bem como nos meios de comunicação – jornais, blogs, televisão, etc – o Colégio D. Pedro II renova suas normas, retirando a determinação da saia como parte do uniforme exclusivo as alunas. Estas manifestações ficaram conhecidas através dos meios de comunicação como o “movimento do *saito*”.

---

<sup>6</sup> Entre as centenas de trabalhos já publicados e defendidos no contexto das discussões de Gênero no Brasil, destacamos um dos grandes nomes, que certamente foi uma das mais importantes pesquisadoras brasileiras no que se diz respeito as discussões de gênero, HelleiethSafiotti onde destacamos entre suas inúmeras obras *A mulher na sociedade de classes* (1976); *Poder do Macho* (1987), *Mulher brasileira: opressão e exploração* (1984); entre tantas outras.

Desta forma, neste artigo, nos propomos a analisar, a partir destas notícias sobre tal movimento o símbolo que uma peça específica da vestimenta, a saia, possui sobre a distinção entre gêneros. Outrossim, partimos de um estudo empírico que observa a simbolização construída a cerca de tal vestuário, enfatizamos que este símbolo está atrelado em nosso meio social ao feminino. A instituição de tal símbolo trata-se de uma construção sociocultural que estabelece uma diferenciação entre os gêneros nos ambientes públicos e privados. Contudo, ainda salientamos que, tal diferenciação foi construída em determinado tempo histórico, ou seja, a ideia da saia como vestimenta exclusiva ao feminino – uma “roupa de mulher (es)” – é uma construção simbólica consolidada apenas na modernidade, pois se analisado de uma forma mais ampla, este tipo de vestuário não possuía uma simbolização voltada a distinção de gênero em outros períodos mais antigos da história da humanidade<sup>7</sup>. Neste sentido, destacamos que é a partir de determinados processos históricos (sobretudo aqui destacamos a saia e sua relação como a modernidade) que se constroem uma certa ligação entre determinado vestuário a um gênero, e desta forma, isto é tomado como algo natural.

Assim, em linhas gerais, ao abordarmos a saia como um símbolo de feminilidade, buscaremos observá-la em seu contexto sociocultural e histórico, observando que tal vestuário como modelo e símbolo, de uso exclusivo de mulheres, é um discurso difundido e cristalizado em nosso ambiente social, o que dificulta a quebra desse paradigma.

Todavia, a exclusão ou reformulação de um símbolo que por tanto tempo esteve em nosso meio, aceito e legitimado, não é uma tarefa fácil. Como buscaremos evidenciar, a quebra deste símbolo através de um documento oficial, emitido por um dos colégios mais antigos da nação, Colégio Dom Pedro II, não foi o suficiente para mudar a norma social, que observa na saia uma vestimenta voltada para o gênero feminino. Ao longo deste trabalho, observaremos que após as manifestações de apoio à liberação da saia a todos os alunos do Colégio, identificamos através das mídias uma

---

<sup>7</sup> Destacamos aqui, que dentro de um processo histórico mais amplo, sobre a “história da saia”, este tipo de vestuário pode ser observado como vestimenta tanto masculina quanto feminina em períodos remotos da história antiga, a exemplo podemos citar as sociedades clássicas grega e romana, ou poderíamos retroceder ainda mais e citar aqui os sumérios. Se tratando da sociedades clássicas ocidentais (grega e romana), Braga (2005) destaca que a diferenciação neste traje, para homens e mulheres, estava ligado apenas no comprimento, ou seja, longo para as mulheres e usualmente curto para homens. Segundo as pesquisadoras Machado e Moura (2017) a saia passa a se tornar uma vestimenta feminina a partir da modernidade com o surgimento da moda que passou a distinguir com clareza o sexo de quem a veste. Ver: Braga 2005; MACHADO & MOURA (2017).

série de manifestações contrárias a portaria emitida pela instituição de ensino. Mas, mesmo que a portaria de liberação do vestuário tenha se mantido, segundo algumas entrevistas realizadas com funcionários da instituição pouquíssimos alunos passaram a usar a saia como um vestuário comum em seu dia-a-dia.

De fato, o rompimento de símbolos tão difundidos no meio sociocultural, não representam uma mudança drástica, ou seja, não será uma determinação, um documento oficial que mudaria a mentalidade enraizada em aspectos tradicionais de uma sociedade patriarcal. Todavia, no contexto atual, observa-se que a sociedade aos poucos vêm moldando-se e se reconfigurando a partir de novas visões de mundo. Estas novas visões, em especial aquelas que tem lutado por igualdade, sejam os movimentos Feministas, LGBTQ+, entre outros, têm conquistado grandes vitórias no cenário brasileiro, seja ele o político bem como o social.

### **UM ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE O FEMININO & MASCULINO... UM ESTUDO DE GÊNERO**

Ao longo da segunda metade do século XX se observa um grande número de estudos que se voltam para compreender as relações entre o masculino e o feminino, construindo assim, uma nova categoria de estudos elaborada para se compreender a relação entre estes dois conceitos que rompem com discursos de naturalização.

Foi a historiadora pós estruturalista Joan Scottem seu célebre texto *Gênero: uma categoria útil para análise histórica* (SCOTT, 1989, p. 71-99), que definiria com clareza a conceptualização da categoria “gênero”, onde em seu texto a autora propõe, gênero, enquanto uma categoria de análise. Scott (1989), observa os discursos construídos para cada um dos gêneros, onde segundo a autora, podemos observar que as características do ser feminino e do ser masculino, são nada mais que discursos difundidos através da criação de símbolos no meio cultural e social que se possibilitam o auto reconhecimento dos indivíduos nestas categorias e, ainda segundo Scott, constrói e legitima uma forma hierarquizada, uma dominação de um gênero sobre o outro<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> De fato não foi a historiadora norte-americana que propôs analisar as questões de desnaturalização dos discursos acerca dos gêneros masculino e feminino; inúmeros trabalhos a partir da segunda metade do século XX voltam seus holofotes, para estas discussões, entre as principais obras, ou melhor a principal obra, que seria um divisor de águas e abriria os campos de estudos científicos em meio ao campo das ciências humanas e sócias, para compreender as relações entre homens e mulheres, defendendo a linha de que não “se nasce mulher, torna-se” é a filósofa francesa Simone Beauvoir, que publicaria pela primeira vez em 1949, sua obra *Segundo Sexo*, que seria um marco para o movimento feminista. Se por um lado

Como aponta a autora, em meio a sua obra, as relações hierarquizadas no ambiente social de um gênero sobre o outro, se deu através de símbolos, na qual esta relação é a expressão de poder de dominação de um sobre o outro. Assim, seguindo essa perspectiva, propomos aqui pensar os discursos como construções que legitimam a dominação de gênero – seja o masculino sobre o feminino, o masculino sobre o masculino, o feminino sobre o feminino ou até mesmo, fugindo da via de regra, do feminino sobre o masculino – no qual enfatizamos que tais sistemas de dominação além de culturais e sociais, se dão de diferentes formas ao longo do tempo, sendo assim, a dominação e as relações de gênero, são construções socioculturais assim como históricas, e se encontram em constante mudança (mesmo que de forma lenta).

Partindo do pressuposto que os estudos voltados para as relações entre homens e mulheres se dão no âmbito cultural e social, compreendemos ainda que a divisão entre masculino e feminino se dá a partir de uma criação, ou melhor, de um modelo construído a partir da biologia. Na obra *A condição masculina na sociedade* (NADER, 2002, p. 461-480), a autora, observa que a partir da divisão realizada pelo sexo biológico, macho e fêmea, irá ocorrer posteriormente, no contato com a cultura, a construção da concepção de masculino e de feminino, e será no meio social que se dá a definição dos papéis sociais destes indivíduos. Em suma, é neste meio social, no qual o indivíduo está integrado, que ele passa a receber uma quantia de sentimentos e expectativas sobre o papel social que os mesmos devem exercer<sup>9</sup>.

Assim, compreende-se que a biologia define apenas se o indivíduo nasce macho ou fêmea, e é no meio cultural e social que estes indivíduos recebem por meio do grupo onde estão inseridos, as diversas normas e símbolos que buscarão enquadrá-los dentro de um dos gêneros. Neste sentido, se rompe a compreensão biológica sobre a masculinidade e a feminilidade, evidenciando que ambas não são naturais e sim construções culturais produzidas pelo meio social em determinado tempo histórico (SAYÃO, 2003).

---

Scott não foi a grande mentora das discussões de gênero a autora contribui de forma significativa, ao propor Gênero, como uma categoria de estudos, em um momento onde o movimento feminista perdia força em meio a academia, ao propor este novo conceito a autora reforça e abre um leque de inúmeras possibilidades de estudos, além de nos dar as diretrizes para se compreender o que são os estudos e como os compreender.

<sup>9</sup> Estes sentimentos e expectativas do grupo estão diretamente ligados a comportamentos, gostos, gestos e discursos naturalizados como a “vocação” da mulher com a maternidade, assim como a mulher como dona de casa; esta carga de sentimentos e expectativas estão presentes nos grupos antes do nascimento dos indivíduos e é depositada nos mesmos logo após o seu nascimento. Fugir as esta carga de regras sócias equivale a uma certa quebra aos modelos, acarretando uma série de punições, que variam em diferentes tempos históricos.

Poderíamos ampliar esta definição da construção dos papéis sociais, ao considerar que até mesmo a sexualidade se apresenta inserida nas expectativas do grupo, ou seja, a sexualidade dos indivíduos de uma determinada sociedade, são influenciadas por seus papéis sociais, e que prevalece como padrão nas sociedades modernas a heterossexualidade como normalidade (ARAN; PEIXOTO JUNIOR, 2007).

Evidenciamos assim que, os gêneros, seja ele masculino ou feminino, são construções sociais, culturais e históricas que tornam a genitália o dado base para a estruturação da divisão do feminino e do masculino, e a partir disto se elaboram as normas e os símbolos que povoam nossas representações. Assim, as representações associadas ao ser masculino e feminino é o que buscaremos discutir a partir da vestimenta que realiza uma forma de separação e distinção entre os gêneros.

Buscando aqui refletir, bem como evidenciar a partir de textos, que discutam os discursos naturalizados no contexto social, em especial destacaremos o símbolo o qual a roupa, em especial a saia como uma vestimenta exclusiva da construção da feminilidade dentro do contexto cultural e social brasileiro, analisaremos o caso da portaria 2.449 de julho de 2016 publicada pelo Colégio D. Pedro II, localizado na cidade do Rio de Janeiro, que colocou fim o uso da saia como roupa exclusiva de alunas.

### **A SAIA... UM SÍMBOLO FEMININO DESDE O SÉCULO XIX**

Ao longo do texto, realizaremos uma análise e reflexão sobre as construções socioculturais de nossa sociedade, na qual teremos como objeto de pesquisa o vestuário como uma das formas de distinções de gêneros. O presente texto partirá da discussão referente a Portaria 2.449 de julho de 2016 que trata de *aprovar normas e procedimentos discentes*, publicada pela Reitoria do Colégio D. Pedro II, propiciando uma grande repercussão do documento na mídia e na sociedade carioca. (COLÉGIO D. PEDRO II, 2016)

Essa portaria teve por objetivo liberar o uso da saia a qualquer aluno do colégio, pois anteriormente o uso deste tipo de roupa era exclusivo de meninas. A então decisão do colégio, não se dá segundo a afirmação do jornalista Mario Magalhães que afirma ter “caído do céu”, e sim por pressão dos alunos em uma grande mobilização que

culminaria na realização desta portaria pela administração do Colégio D. Pedro II (MAGALHÃES, 2016)<sup>10</sup>.

Como já supracitado, essa ação se deu no contexto de uma série de manifestações realizadas pelos alunos e familiares dos mesmos, ocasionadas por uma série de preconceitos contra alguns alunos do Colégio Dom Pedro II. Este movimento, conhecido como *saiato*, *saiço* ou *saiote*, se deu após um estudante ser barrado de frequentar as aulas na instituição e até mesmo de adentrar as instituição vestindo uma saia. Segundo portais de informação como *Uol*, *G1*, *Estadão* e *O Globo*, este foi a estopim para a organização do movimento, que inicialmente contou com a participação dos estudantes, mas logo obteve a cooperação de pais/mães, professores/as da instituição além de coletivos, como o LGBTQ+.

Segundo, a instituição, por meio de seu representante, o reitor Oscar Halac a realização de tal documento propôs deixar:

[...] a critério da identidade de gênero de cada um a escolha do uniforme que lhe couber [...] cumprindo a determinação de uma resolução vigente [...] procuramos de alguma maneira contribuir para que não haja sofrimento desnecessário entre aqueles que se colocam com uma identidade de gênero diferente daquela que a sociedade determina (MAGALHÃES, 2016, s.p.).

O presente trabalho, não possui pretensões em realizar uma discussão sobre a identidade de gênero, e sim, realizar a partir deste documento um debate referente aos aspectos que impõem a separação dos gêneros masculino e feminino por uma indumentária, a saia. Nos propomos a observar como se dá esta separação dos gêneros masculino e feminino na qual a saia, como uniforme escolar, era imposta como um vestuário feminino desde a fundação do colégio em 1837. A saia aqui é proposta como um símbolo, uma representação de feminilidade, contraponto ao uniforme masculino, que têm como modelo a calça.

Observamos na fala do Reitor que, mesmo este abordando em específico a realização da portaria como uma forma de respeitar a identidade de gênero, diminuindo as diferenças entre ambos, em sua apreciação sobre as roupas está presente toda uma estrutura sociocultural em que se propõem valores construídos pela sociedade em cima

---

<sup>10</sup>Os principais portais de notícias dos pais acompanharam as manifestações, entre eles destacamos as manchetes dos portais online G1; Uol; Terra; R7; Estadão, Folha. O portal de notícias G1 traz em destaque que a mudança da norma é histórica, visto que tal revigorava desde a fundação da instituição. Ver melhor em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/09/colégio-pedro-ii-acaba-com-obrigacao-de-uniforme-escolar-por-genero.html>.

da figura do feminino, como o próprio reitor afirma, são modelos e símbolos aos quais “a sociedade determina”.

Desta forma, observamos na saia mais que um simples vestuário, vemos um símbolo, que está diretamente ligada a feminilidade, em contraponto aos moldes de uma masculinidade, onde o símbolo proposto no Colégio, como modelo é a calça. De certa forma a representação sobre a calça pode ser vista em um ditado popular brasileiro “quem veste as calças em casa”, que significa “quem manda”, “quem possui a última palavra em casa”, ou seja, estes ditados refletem um padrão, um modelo social, que cabe ao homem, os discursos de virilidade, força e poder, em contraponto propõem à mulher as características de dócil, passiva, sentimental<sup>11</sup>.

Não seria talvez esta mesma representação supracitada presente nos uniformes do Colégio D. Pedro II? Esta indagação pode ter respaldo nos discursos sociais a respeito da saia como uniforme exclusivo feminino, afinal as instituições de ensino, não somente no Rio de Janeiro, mas em toda a nação, não são instituições fora do contexto social. De certa forma, pensar tais órgãos como parte da sociedade, estas são plausíveis de refletirem os discursos, símbolos, normas, etc.; da sociedade a qual está incluída (SAYÃO, 2003).

### **A ROUPA... UM SÍMBOLO QUE CONSTRÓI E LEGITIMA AS DIFERENÇAS**

O objeto aqui analisado, a saia, é apenas um dos inúmeros símbolos que se impõem como modelo de distinção. No entanto, entendemos que a saia não é somente uma peça de roupa sem um significado ou simbologia, pelo contrário, se observa nesta roupa um símbolo muito bem construído, onde a roupa está ligada diretamente a distinções, seja econômica, social, cultural ou de gênero.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Em especial estas visões sobre feminino e masculino, a construção de características como a passividade e o sentimentalismo a mulher em contraponto a virilidade e força ao homem são discursos tomados como naturais, ao fugir de tais, se observa a um padrão de anormalidade, ou seja não cabe ao homem ser sentimental, remetemos ainda está observação a outro ditado popular brasileiro “homens não chorão”, esta frase pode ser bem observada a partir de uma análise de relações de gênero, onde ao homem não lhe cabe tais características, ter este tipo de comportamento, ou outro tipo de gosto que fuja a via de regra a estes receberiam novas características como a de afeminado, mulherzinha, termos que o ligam a gênero oposto, o desqualificando como homem, observa-se assim uma dominação do homem sobre o homem. Ver melhor em: WELZER-LANG, 2001, p. 467.

<sup>12</sup> São inúmeros os trabalhos que abordam as vestimentas como um símbolo de distinção social e econômica, ou seja, as roupas possuem uma história, história esta que segrega e hierarquiza a sociedade. Como bem observa John Harvey, ao discutir sobre o uso das roupas pretas, ternos, vestidos, saias, etc.; o autor, em especial destacando o uso do preto para os homens, bem observa que as roupas por si só possuem sua história, onde tal, possuem todo um jogo de valores, identidades, etc.; em suma tal autor

A roupa como um sinônimo de distinção se dá em diferentes formas e situações, ou seja, as vestimentas ao longo da história se tornaram uma forma de distinção social, fenômeno que se observa em diferentes sociedades em variadas épocas da história humana. Partindo desse pressuposto, a saia é colocada não somente como uma peça do vestuário do uniforme do colégio D. Pedro II, mas como uma forma de distinguir as mulheres dos homens dentro daquele ambiente.

Fica evidente neste espaço a divisão e a simbolização que a vestimenta tem sobre os alunos e alunas do Colégio Dom Pedro II, ao compreendermos que a forma de se vestir, e até mesmo de agir e se portar, entre outras características, são colocadas como modelos que diferenciam homens de mulheres. Abordando aqui a roupa devemos compreendê-la como Diana Crane (2006, p. 112) aponta “As roupas, como artefatos, ‘criam’ comportamentos por sua capacidade de impor identidades sociais”.

Compreendermos as roupas não somente como um fenômeno cultural, social e histórico que distingue classes sociais e culturas, mas também como uma das formas utilizadas para se estabelecer as distinções de gênero, nas quais os modelos impostos a partir de uma dominação, constroem um padrão de roupas para homens e para mulheres, ao longo do meio social, onde os discursos elaborados buscaram simultaneamente organizar e legitimar os modelos de comportamentos para o masculino e o feminino.

Para se compreender essa concepção e construção de modelos, aqui se tratando das roupas, ou até mesmo da moda, poderíamos citar algumas revistas publicadas ao longo do século XX no Brasil; revistas como *A Cigarra*, *Querida*, *Burda* entre tantas outras<sup>13</sup>, buscam construir e legitimar um modelo de feminilidade. Ao entrarmos em contato com estas fontes, se observa ali um aspecto que vai além da moda ou do estilo, e que a partir das receitas ou das matérias e entrevistas busca-se construir um modelo do feminino.

Nestas revistas ocorre a construção de um discurso que propagava um padrão de mulher, uma dona de casa que têm seu mundo norteado entre os afazeres da

---

busca compreender que as roupas, em especiais as de tonalidades pretas, ao longo dos séculos, no mundo ocidental passaram de um símbolo de luto, para um símbolo de poder. Ver melhor em: HARVEY, 2003.

<sup>13</sup>São inúmeros os trabalhos realizados com estas revistas femininas ao longo da primeira década do século XXI. Atualmente o Centro de Documentação e Memória de Irati – CEDOC/I, possui um grande acervo de revistas femininas, a qual possui um recorte temporal, que se estende do final da década de 1940 até meados da década de 1990. O acervo se encontra disponível para pesquisas acadêmicas, no Fundo da família Crissi. Ver melhor em: MARTINS, Valter; DORE, Márcia; PEREIRA, Bruno César, 2017. p.4.

casa, cuidar dos filhos e ainda recepcionar o marido, entre outras características, se observa a idealização de um modelo de mulher. Contudo, também podemos perceber nestas revistas, que a construção deste modelo de mulher, possui algumas restrições. Tal padrão, que está sendo propagado por elas é voltado para um tipo singular de mulher, especificamente para certa classe social de mulheres, sendo assim, este modelo acaba se tornando restrito<sup>14</sup>.

Nas revistas citadas, em especial nos artigos que elas nos trazem sobre moda, observa-se uma discussão sobre a forma de se vestir na qual se dá destaque a saia como um vestuário característico da mulher. Indo além, se constrói uma concepção naturalizada deste tipo de vestuário como pertencente a mulher e se emprega ao discurso que é disseminado pela sociedade por diferentes formas, seja por rodas de conversas entre familiares, amigos ou pelos meios de comunicação.

São diferentes as formas e a construção dos discursos que buscam a naturalização de certas normas e práticas, que ao longo do tempo se cristalizam em meio a sociedade, tornando-as praticamente inatas. Algumas concepções, como nos cita as autoras Melo, Medeiros e o autor Rodrigues (2014, p. 1291-1307), em sua obra *A moda enquanto sistema de legitimação das dicotomias entre feminino e masculino*, ao se utilizarem da célebre obra do sociólogo francês Pierre Bourdieu (2002), para se compreender que a moda vai além das relações econômicas, mas que também está ligada as compreensões da construção, legitimação e dominação de um gênero sobre outro, no caso do masculino sobre o feminino.

Chegamos assim a um ponto chave para nosso trabalho no qual compreendemos que o vestuário, possui uma carga simbólica, onde o as roupas estão ligadas diretamente as construções e legitimações da dicotomia entre os gêneros, e agora aqui, compreendemos que as roupas vão além de construir e legitimar, ou seja, a roupa também é vista como uma forma de dominação (BOURDIEU, 2002).

Como a roupa é uma forma de dominação de um gênero sobre o outro, ou de um gênero sobre o mesmo gênero? Para compreendermos tal questão, devemos

---

<sup>14</sup> De fato as revistas femininas produzidas ao longo do século XX, em especial as revistas supracitadas ao longo deste trabalho, como *Burda*, *Querida*, etc; não abrangem em específico a todas as mulheres e sim a uma classe social em específico. Muitos são os trabalhos que trazem à tona os discursos destas revistas, e como podemos bem observar, já nas introduções de tais trabalhos, seus autores e autoras nos evidenciam que os modelos de mulher, que se buscavam construir e legitimar estavam voltadas a um grupo que consumia tais revistas, uma classe média, entre outros aspectos podemos também observar que tais revistas eram em sua grande maioria produzidas por homens, ou seja, a grande maioria de tais revistas possuíam como editores, jornalistas, cronistas, etc; homens.

perceber que os modelos construídos sobre as vestimentas e a propagação de certos tipos de roupas a mulheres e outros a homens são *discursos construídos* no meio social.

Todas as imposições de modelos ou normas ocorrem por meio da cristalização de discursos, sejam eles ideológicos ou científicos, no meio social se nota que a aceitação destes discursos se dá através da ideia de que estes modelos correspondem a vontade dos indivíduos. Assim, compreendemos que é através da construção dos discursos, que se busca não só se construir como legitimar modelos, que busquem concretizar a distinção entre os gêneros. Em suma, a dominação se cristaliza através de discursos, a naturaliza, colocando-a como verdades dos próprios sujeitos envolvidos no meio social.

Torna-se assim normal a mulher usar o vestido ou saia e anormal para o homem usar o mesmo tipo de vestimenta. Observa-se assim, uma construção que se justifica com diferentes discursos, tal justificativa caracteriza-se por um sentido de normalidade; da mesma forma, tudo aquilo que foge as regras dos discursos sociais caem em uma categoria, a anormalidade, que aos olhos da comunidade onde os sujeitos estão inseridos, tais comportamentos são julgados e condenados no meio social, gerando, seja a exclusão do indivíduo, ou outros tipos de punições.

### **A SAIA PARA TODOS!?**

A portaria publicada pelo Colégio D. Pedro II, se apresenta a nós como uma forma de quebrar com uma concepção de dualidade, ou seja, “isto é para homens e isto para mulheres”, “isso é normal e isso é anormal” ou “isso é certo ou errado”.

Segundo a Portaria 2449 de julho de 2016 que trata de *aprovar normas e procedimentos discentes*, este documento em seu primeiro parágrafo demonstra sua finalidade “seção 1, dos uniformes” este ponto do documento não traz, como até então, as subseções “alunos e alunas”; tornando único o padrão de uniformes, sendo as opções: “bermuda, calça, camiseta, blusa e saia”, até então o que diferenciava das normas em vigor desde o século XIX, onde a saia aparecia como exclusiva ao gênero feminino.

Outra mudança que salta aos olhos, que até então não estavam colocadas em uma norma escrita, onde segundo Magalhães já era até então uma prática, é o uso da calça e da bermuda para alunas, segundo o jornalista, isto ocorria devido a participação das alunas em atividades físicas, onde

[...] as alunas já algum tempo utilizavam-se da calça e da bermuda como parte do uniforme, mas apenas quando teriam aulas voltadas a esportes como

a Educação Física, mas, o uso desta peça de roupa era apenas no horário destas aulas, fora a isso, elas trocavam de roupa colocando novamente a saia (MAGALHÃES, 2016).

Compreende-se assim que as manifestações realizadas por alunos (as), bem como de pais/mães e outros (as) apoiadores (as) deste movimento caracterizado como *Saiato* simbolizam a quebra de um discurso naturalizado no ambiente sociocultural, onde este símbolo, o vestuário era no contexto desta instituição de ensino – e ainda permanece no contexto social - utilizado como uma forma de distinguir, seja homem de mulheres, seja como uma forma de distinção de classes.

A discussão referente a esta portaria, realizada no presente texto, teve como objetivo evidenciar a divisão entre gêneros presente na sociedade, buscamos aqui mostrar que até em uma simples peça de roupa existe uma carga simbólica, contribuindo para as divisões entre o que pertence aos homens e o que pertence a mulheres.

O uso exclusivo da saia pelo feminino, imposto pelo Colégio Dom Pedro II, não é necessariamente um privilégio para este gênero, pelo contrário, ao se colocar que apenas mulheres devem usar vestidos ou saias, se impõem a estas um modelo do que devem seguir, neste sentido, se observa uma dupla dominação. O masculino sobre o feminino, bem como do masculino sobre o masculino, onde, neste segundo caso, como analisaremos a seguir, torna o homem que utiliza a saia como “menos homem”.

Assim evidenciamos, que além de uma construção de normas que busquem não somente regulamentar como também impor que somente o gênero feminino use estes tipos de vestimentas, se busca naturalizar que a saia é uma vestimenta feminina e não masculina, na qual o uso deste tipo de roupa “fere” a masculinidade, colocando o uso da saia como anormal para o homem. De certa forma, seguindo tal discurso, um homem usar uma vestimenta, dita feminina, o torna “menos homem”, ou afeminado (WELZER-LANG, 2001)

Observa-se que a construção deste discurso de normalidade vestimental norteia as sociedades como um todo, que acabam elaborando discursos que se transformam em verdades, assim se constrói a falsa impressão de que as roupas impostas são os que escolhemos. Da mesma forma compreende-se que estas imposições, construídas a partir de uma série de discursos, muitos destes até mesmo científicos, que se dá a dominação. Dominação esta que se dá de um gênero sobre outro (masculino sobre o feminino), mas também de um gênero sobre o mesmo (masculino sobre o masculino), como são os exemplos supracitados.

Ao realizarmos o que acreditávamos ser uma simples análise, onde nos propusemos a observar uma vestimenta, entendemos que não há nada de simples, pois a mesma evidencia toda a construção de um símbolo sobre estas roupas. Compreendemos que as vestimentas e sua simbolização sejam econômica, social e agora como distinção de gêneros, é uma estrutura muito mais antiga do que apresentamos no presente texto.

Para compreendermos essa afirmação, temos que apenas observar a questão de que os uniformes divididos entre alunos e alunas são um reflexo das formas que a sociedade dita os comportamentos, assim se busca o entendimento que não é a instituição de ensino que realiza esta imposição, mas sim que esta é o espelho dos discursos construídos pela sociedade.

Assim se entende a roupa, como um objeto de distinção, legitimação e dominação, que foram os principais apontamentos no presente texto. Portanto, é perante este contexto, que se construiu o discurso da saia como algo natural a mulher em nossa cultura e são características como essas, que são dadas e consagradas perante o meio sociocultural de determinado grupo, na qual, acima de tais símbolos consagrados, que perduram inúmeros discursos construídos que irão reger os papéis sociais de cada indivíduo (BARRETO; ÁRUAJÓ; PEREIRA, 2009,).

A quebra deste discurso é um avanço, um passo à frente para desconstrução destas “verdades”, que tomamos em nosso dia a dia e acabam nos dominando. Contudo, a portaria elaborada pelo colégio Dom Pedro II, pode ser o reflexo de uma sociedade que caminha a passos lentos para a igualdade, além do respeito a identidade de gênero.

Todavia, como pudemos observar ao longo da pesquisa para a realização deste artigo, encontramos diversas matérias, noticiais, dos mesmo portais de informação que publicaram sobre as manifestações do *Saiato*, que após estas primeiras manifestações que culminaram na publicação da portaria, houve uma série de manifestações contrárias a publicação da mesma portaria. Estas manifestações de cunho “tradicional” em entrevistas dadas aos meios de comunicação que realizavam as reportagens identificam entre outros pontos, que a publicação desta portaria favorecia a “ideologia de gênero”.

Em entrevista dada ao portal de informações G1, uma das manifestantes contrárias a portaria, e que pertence ao grupo que realizou a manifestação “Mães pelo Escola Sem Partido” identifica que:

O problema não é a saia, mas a ideologia de gênero que é aplicada na escola em diversas ações. Muitos pais são contra o que está acontecendo. Além

disso, a maior parte dos pais diz que em nenhum momento foi convidado a participar da discussão sobre o uniforme, por exemplo. (G1, 2017)

Este tipo de pensamento, têm sido rotineiro nos debates acerca das relações de gênero e a identificação destes estudos têm sido distorcidos, em especial pelos meios políticos, com base em um conservadorismo de direita<sup>15</sup>, que identificam que estas discussões, sobre gênero visam uma “doutrinação esquerdista” dos jovens, através da “ideologia de gênero”.

Todavia, mesmo com estas manifestações a portaria se manteve (e se mantém), e neste sentido, mesmo que a passos lentos, caminhamos juntos na incansável busca por uma sociedade mais igualitária. É certo que o Brasil atual vem caminhando desde 2017 (com o golpe) para tempos ainda mais sombrios, onde os direitos conquistados pelas minorias (mulheres, LGBTQ+, negros e indígenas) podem estar correndo sérios riscos. Mas, mesmo com o atual contexto, observamos em manifestações como o *Saiato*, provas incontestáveis de que as mudanças nascem, se organizam, tomam força e podem modificar décadas/séculos de desigualdade.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da portaria publicada pelo Colégio Dom Pedro II, localizado na cidade do Rio de Janeiro, que coloca fim no uso da saia como roupa de uso exclusivo de alunas, após uma série de manifestações realizadas por alunos ao longo do ano de 2016, fez com que nos propuséssemos fazer uma análise no presente artigo, de como o vestuário é considerado um símbolo de distinção entre os gêneros masculino e feminino.

Seguindo de tais pressupostos, ou seja, de que a determinação onde se coloca a saia como uma roupa feminina é um reflexo dos símbolos, normas e discursos construídos e difundidos pela sociedade brasileira, observamos que a escola é um reflexo dos discursos normativos construídos por tal sociedade. A vigência deste modelo seguido pelo colégio se manteve desde a fundação de tal instituição, ou seja, a mais de um século e meio, e o rompimento deste símbolo implica na possibilidade de um avanço sobre a desconstrução de modelos impostos pelo meio sociocultural.

---

<sup>15</sup>Em especial este movimento ganhou força em todo o território nacional nos últimos dois anos, seja através da ascensão do conservadorismo de direita, bem como de propostas políticas como o “Escola sem Partido” popularmente conhecido como “Lei da Mordaça”. Todavia é notável a vitória para os estudos de gênero, com o arquivamento do projeto “Escola sem Partido”, ocorrido em meio a uma Comissão da Câmara Legislativa Federal .

De fato, se por um lado foram inúmeras manifestações para a quebra deste modelo, por outro, houveram manifestações contrárias a esta decisão da instituição de ensino carioca. Assim podemos observar que as mudanças em nosso contexto social aos poucos vêm se reconfigurando, reestruturando, conforme nosso contexto atual, aos poucos as mudanças ocorrem, e possivelmente, mesmo com manifestações contrárias, segue a passos um tanto lentos a um sonho utópico de igualdade. Se torna atual, e contribui para a presente reflexão, acerca das manifestações contrárias, o refrão de uma das mais belas músicas do cantor brasileiro, Cazuza.

A tua piscina tá cheia de ratos  
Tuas ideias não correspondem aos fatos  
O tempo não para...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAN, Márcia; PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. **Cad. Pagu [online]**, n.28, p.129-147, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332007000100007>. Acesso em: 05/06/2017.

BARRETO, Andréia; ÁRAUJO, Leila; PEREIRA, M. Elisabete. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SPM, 2009. Disponível em: [http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero\\_diversidade\\_escola\\_2009.pdf](http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf). Acesso em: 07/06/2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. de Maria Helena Kühner. Ed. 02. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRAGA, João. **História da moda: uma narrativa**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

COLÈGIO DOM PEDRO II. **Portaria 2449**: Aprovação de Normas e procedimentos discentes. Rio de Janeiro: Colégio Dom Pedro II, julho de 2016. Disponível em: [http://www.cp2.g12.br/images/comunicacao/2\\_016/Setembro/portaria2449.pdf](http://www.cp2.g12.br/images/comunicacao/2_016/Setembro/portaria2449.pdf). Acesso em: 05/06/2017.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: SENAC, 2006.

PORTAL G1. **Jornal Extra: Pais marcam protesto contra uso de saia por alunos do Colégio Pedro II**. Rio de Janeiro: G1 [online], 2017. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio>. Acesso em: 17/12/2018.

HARVEY, John. **Homens de Preto**. Tradução de Fernanda Veríssimo. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

MACHADO, Ana G. S.; MOURA, Mônica. Saia do armário, homem! Estudo sobre o uso de saia masculina. In: 13º Colóquio de Moda. Bauru: **Anais do 13º CM – UNESP**, 2017. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/>. Acesso em: 17/12/2018.

MAGALHÃES, Mario. **Por que a liberação da saia para todos no Colégio D. Pedro II incomoda tanto**. Portal de notícias UOL [online], setembro de 2016. Disponível em: <https://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/2016/09/20/por-que-a-liberacaode-saia-para-todos-no-colegio-pedro-ii-incomoda-tantos>. Acesso em: 05/06/2017.

MARTINS, Valter; DORE, Márcia; PEREIRA, Bruno César. **Guia de Fundos e Coleções: CEDOC/I. Irati: UNICENTRO/I Centro de Documentação e Memória de Irati**, 2017.

MELO, Mariana Soares Pires, MEDEIROS, Maria do Socorro da Silva; RODERIGUES, Hermano de França. A moda enquanto sistema de legitimação das dicotomias entre feminino e masculino. In: Perspectivas femininas de Gênero: Desafios no campo das militância e das práticas - UFPE. Recife: **Anais do 18º REDOR**, p. 1291-1307, 2014. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/647/709>. Acesso em: 05/06/2017.

NADER, Maria Beatriz. A condição masculina na sociedade. **Dimensões**. Vitória, v. 04, n. 02, p. 461-480, 2002.

SAYÃO, Deborah Thomé. Corpo Poder e Dominação: uma diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 21, n. 01, p. 121-149, 2003.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, p. 71-99, 1995. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 28/05/2017.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

ZIRBEL, Ilza. **Estudos Feministas e Estudos de Gênero no Brasil: Um Debate**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Ciências Políticas – UFSC (Dissertação de Mestrado), 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/90380/241321.pdf?sequence>. Acesso em: 28/05/2017.